



MOSAICO DE RAVENA: EM UMA PERSPECTIVA PÓS-COLONIALISTA

MOSAIC OF RAVENNA: IN A POST-COLONIAL PERSPECTIVE

Cristiane Marina Teixeira Girard
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
E-mail: cristiane.girard@unir.br

RESUMO

O presente artigo tem como temática abordar a Banda Mosaico de Ravena a partir de uma perspectiva pós-colonialista. Sendo assim, tem por objetivo analisar traços presentes do pós-colonialismo na música desta banda chamada “Belém-Pará-Brasil”. Além do mais, objetiva-se mostrar a perspectiva histórica do Pós-colonialismo e identificar sobre a Banda Mosaico de Ravena. Portanto, para concretização desta pesquisa utilizou-se da pesquisa bibliográfica e explicativa. Diante disto, conclui-se a partir da música analisada que as pessoas de uma maneira geral que não conhecem o estado paraense criam um esteriótipo que não condiz com a realidade local, ocasionando um determinismo ao imaginário cultural não se adentrando a conhecer a real formação cultural que correspondem a nossa localidade.

Palavras-chave: Pós-colonialismo. Mosaico de Ravena - Banda. Belém-Pará-Brasil - Música. Belém (PA).

ABSTRACT

This article deals with the Mosaic Band of Ravenna from a post-colonial perspective. Thus, it aims to analyze present features of post-colonialism in the music of this band called "Belém-Pará-Brazil". In addition, it aims to show the historical perspective of Postcolonialism and to identify on the Mosaic Band of Ravenna. Therefore, in order to carry out this research, bibliographical and explanatory research was used. In the light of this, it is concluded from the analyzed music that the general people who do not know the state of Para create a stereotype that does not match the local reality, causing a determinism to the cultural imaginary, not getting to know the real cultural formation which correspond to our locality.

Keywords: Postcolonialism. Mosaic of Ravenna - Band. Belém-Pará-Brazil - Music. Belém (PA).



Introdução

Sabe-se que o Pós-colonialismo visa ir contra as ideias e as formas como se sucederam no período do Colonialismo no Brasil, prioritariamente na Amazônia, o qual é nosso foco de estudo neste trabalho. Sendo assim, entende-se o Pós-colonialismo como uma base conceitual que tem como intuito examinar lugares e pessoas que possuem alguma relação ou vivenciaram momentos históricos como o período colonial, tais relações como as de caráter de superioridade e de formas de mostrar serem desenvolvidos perante os outros povos.

Pensando nisto, no que advém da perspectiva Pós-colonial, evidencia-se que esta terminologia visa situar de forma,

[...] geográfica, histórica e institucionalmente levantando dúvidas sobre sua agência política. A questão que está em jogo é justamente saber, quais perspectivas que estão sendo desenhadas no 'Pós-Colonial? Para que propósito e com que deslizes? (SHOHAT, 1992, p. 100).

Fundamentado nestas premissas, o problema neta pesquisa foi de compreender a respeito do Pós-Colonialismo ligado a região amazônica, mas precisamente no Estado do Pará, na capital Belém, da qual surgem os seguintes questionamentos: Efetivamente a música Belém Pará Brasil da Banda Mosaico de Ravena possui traços do Pós-Colonialismo? Quais são estes traços mostrados na música?

Na busca de tentar responder estes questionamentos temos como objetivo geral analisar traços presentes do pós-colonialismo na música desta banda chamada "Belém-Pará-Brasil". Além disso, como específicos mostrar a perspectiva histórica do Pós-Colonialismo e identificar a Banda Mosaico de Ravena como uma banda pós-colonialista.

Por fim, o trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma: Contexto do Pós-Colonialismo; Banda Mosaico de Ravena e sua música; materiais e métodos; análise da música Belém Pará Brasil da Banda Mosaico de Ravena; e, considerações finais.

1.1 Contexto do Pós-colonialismo

De maneira geral compreende-se o pós-colonialismo como uma visão acerca da análise do colonialismo. Sendo assim, acredita-se ser relevante frisar primeiramente a respeito da terminologia “colonizar” para melhor percepção do mesmo. A partir disto podemos dizer que em um determinado período inicial o ato de colonizar era visto como o deslocamento de um grupo de pessoas que residia em algum local (casas ou terras) para outra localidade, espaço e outros que o possibilitassem a habitação ou até mesmo estabelecer comunidades (LIMA, 2013).

Contudo, com o passar do tempo e a evolução do pensamento humano essa terminologia atinge outras significações, originando a incidência de variados povos e a busca pela conquista de dominação (LIMA, 2013). Diante deste fator Loomba (2002, p. 2) diz que o colonialismo pode:

[...] ser definido como a conquista e o controle de outras pessoas e bens. Mas o colonialismo neste sentido não é meramente a expansão de várias forças europeias na Ásia, África e Américas do século XVI em diante; ela tem sido uma característica recorrente e generalizada da história humana.

Em outra perspectiva sobre o aspecto da colonização, Boehmer (2005, p.2) afirma que ela “[...] envolve a consolidação do poder imperial, e é manifestado na fixação de território, na exploração e no desenvolvimento de recursos, e na tentativa de governar os nativos das terras ocupadas”. Portanto, nota-se que nesta definição encontra-se embutido a terminologia “Imperialismo”.

Adverte-se diante disto uma união entre “colonialismo” e “imperialismo”, em alguns momentos, utiliza-se um pelo outro. Porém, estas duas terminologias possuem significações distintas, o qual o autor Boehmer (1993, p. 8) diz que o “imperialismo pode ser usado para referir-se à autoridade assumida por um estado sobre outro território”.

Já no que tange a questão do colonialismo Sawant (2012, p. 121-122) nos remete que esta terminologia é “somente uma forma de ideologia do imperialismo, e especificamente se preocupa com a fixação de um grupo de pessoas em um novo local. [...] colonialismo é manifestação histórica particular do imperialismo”. Assim, esta manifestação é ocorrida apenas em alguns lugares e épocas.

Diante disto, insere-se que o tipo de colonização abordado neste estudo é o realizado pelos Europeus em território Brasileiro, mas precisamente na Amazônia, o qual este colonizador ocupa, desbrava e remove o que considera valioso para seu benefício próprio.

Assim, não respeita os limites sociais e culturais daquela população a qual explora, os utilizando de mão de obra para usufruir de seus benefícios. Mediante a isto, seu discurso se concretiza como dominador e opressor, colocando uma postura de superioridade frente aos povos colonizados. Desse modo, “vale ressaltar aqui, que essas imagens produzidas pelo olhar colonizador foram feitas e refeitas durante todo o processo de colonização que ocorreu há história do homem e que continuam presentes em meio às sociedades até os dias de hoje” (LIMA, 2013, p. 30).

De acordo com Loomba (2002, p. 58), o colonialismo:

[...] expandiu o contato entre os europeus e não-europeus, gerando um fluxo de imagens e ideias em uma escala sem precedentes. Os europeus que viajavam para fora, levavam consigo algumas imagens prévias das pessoas que esperavam encontrar. Os encontros reais precisavam ambos de continuidade e reformulação destas imagens – continuidade por causa destas noções anteriormente obtidas sobre a inferioridade destes não-europeus que provia a justificativa para os assentamentos europeus, práticas comerciais, missões religiosas, e atividades militares – e reformulação a fim de ajustar imagens à práticas coloniais específicas.

À respeito desta visão sobre os colonizados, tanto no aspecto cultural quanto da língua surgem a vontade de reverter esta situação, sendo assim origina-se uma nova perspectiva perante o colonialismo. A partir daí volta-se a vertente pós-colonialistas tendo como primeiros pensadores Aimé Césaire, Frantz Fanon e Albert Memmi. Diante disto, o Quadro 1 expõe da melhor forma sobre a ideia de cada um desses iniciantes:

Quadro 1 – Primeiros pensadores pós-colonialismo.

Aimé Césaire	Frantz Fanon	Albert Memmi
<p>Publicou em 1955, um livro intitulado <i>Discours sur le colonialisme</i>, em que discute os efeitos negativos da colonização sobre as colônias. Ele coloca questões, como: o discurso colonizador da Europa e suas justificativas para a realização de tal feito, as relações entre colonizadores e colonizados, os estereótipos produzidos sobre os colonizados, assim como, faz uma forte crítica a toda essa situação.</p>	<p>Publicou seu primeiro livro, intitulado <i>Black Skins, White Masks</i>, que analisa os efeitos psicopatológicos da subjugação colonial de pessoas definidas como negras. Mas este não é seu único tema. Estuda o processo de descolonização e a psicopatologia da colonização. Seus escritos são discutidos em contextos múltiplos como o de gênero e sexualidade, de nacionalismo e hibridismo.</p>	<p>Foi, em 1957, no contexto de descolonização da África, antes da guerra franco-argelina de 1961-62, que publicou o livro <i>The Colonizer and the Colonized</i>. Neste trabalho não ficcional, o autor reflete sobre as identidades e relações entre colonizador e colonizado, tomados em abstrato, no campo da psicologia coletiva, e sobre os valores culturais construídos e/ou introjetados em meio ao fato colonial, concebido este último como um conjunto de situações vividas.</p>
<p>Apresenta uma reflexão das imagens europeias produzidas sobre os colonizados e imposta pelo cristianismo: a dicotomia entre ser “civilizado” e ser “selvagem”. Ou, aceitava-se o Deus apresentado pelos Europeus ou era considerado um ser sem alma, um ser selvagem. Para Césaire, este é um discurso usado pelos colonizadores para justificarem sua presença e exploração na terra do outro, pois esses povos deveriam conhecer Deus e aceitá-lo como seu único salvador.</p>	<p>Fanon o define dizendo que a Europa é “literalmente a criação do Terceiro Mundo, no sentido de que é a riqueza material e trabalho das colônias, ‘os corpos suados e mortos dos Negros, Árabes, Indianos e as raças Amarelas’, que tem abastecido a ‘opulência’ da Europa.”²⁷ (1963, p.76-81 <i>apud</i> MUNDAY, 2009, p. 46).</p>	<p>Também é pioneira sua reflexão sobre o colonizador como um exilado voluntário que busca nas colônias os meios de uma ascensão social inalcançável na metrópole e, por conta disso, se enraíza ou, quando menos, hesita ao máximo em regressar. Constrói, então, uma identidade ambivalente em parte ancorada nos valores colonialistas, em parte na valorização da colônia, à exceção do nativo.</p>
<p>Crítica todo o estatuto colonial e pensa que nele não pode ser encontrado nenhum resquício de valor humano. O que se encontra entre os colonizadores, ditos “civilizados”, é a violência, a cobiça, o ódio racial e o relativismo moral. Considera isso uma barbárie suprema e diz que o colonialismo</p>	<p>No livro <i>The Wretched of the Earth</i>, “além de examinar alguns pontos do colonialismo, ele oferece estratégias de descolonização.” (NENEVÉ, 1994, p. 105). Estratégias estas que irão nortear várias pesquisas e produções dentro da corrente dos Estudos Pós-Colonialistas.</p>	<p>Memmi (1991, p.63) descreve o colonialismo como “uma variedade do fascismo”. É baseado num privilégio econômico, apesar da sugestão dos objetivos mais nobres da conversão religiosa ou da civilização, tendo como ferramentas o racismo, arraigado em cada instituição colonial que</p>



desumaniza o homem. Ainda, diz que todo esse episódio chamado de “civilização” tem outro nome, é chamado de proletarianização e mistificação		estabelece a sub-humanidade dos colonizados; e o terror, que é usado para reprimir qualquer revolta reacionária, reforçando o medo e submissão impostos pelos colonizadores.
--	--	--

Fonte: Autora, 2017.

Estes autores expostos no Quadro acima possibilitaram grandes debates e lutas significativas frente ao colonialismo, os quais conjeturam nos dias atuais, já que “eles ajudam a refletir um certo colonialismo que não acabou, pois colonialismo não se acaba com ato ou com decreto, mas requer uma luta constante” (NENEVÉ, 2006, p. 160).

Além do mais é a partir destas ideias dos autores supracitados que surgem as inspirações dos teóricos pós-colonialistas, os quais realizaram leituras pós-colonial e ocorreu um avanço de diversas discussões sobre o colonialismo, imperialismo e resistência (NENEVÉ, 2006).

Embora os Estudos Pós-Colonialistas ganhem destaque na década de 70, o termo já havia sido usado originalmente pelos historiadores após a II Guerra Mundial, como o ‘estado pós-colonial’. Neste sentido, teve um significado cronológico bem-claro, designando o período pós-independência. No entanto, somente depois, foi usado pelos críticos literários para discutir os vários efeitos culturais da colonização. Isso levou ao desenvolvimento do que veio a ser chamado de Teoria do Discurso Colonialista em trabalhos de crítica como os dos estudiosos Gayatri Spivak e Homi Bhabha (LIMA, 2013, p.33).

Portanto, na Amazônia as questões pós-coloniais não diferem desse universo ocorrido em outros locais. Perante disto é imprescindível notar que a pós-colonização tem como intuito trazer a tona estudos relacionados as ex-colônias, sobre os impérios europeus que foram construídos a partir da exploração dos colonizados e também, o desequilíbrio ocorridos entre os colonizadores e os colonizados, já que havia uma luta constante das sua relações de poder (MUNDAY, 2009).

Outro fator preponderante quanto ao pós-colonialismo insere-se ao aspecto cultural que se relaciona ao âmbito do processo imperial desde a colonização até os dias atuais. Assim, Parry (1987 apud BONNICI, 2012, p. 20) aponta a seguinte crítica que o pós-colonialismo se foca, sendo ela:

[...] no contexto atual, como uma abordagem alternativa para compreender o imperialismo e suas influências, como um fenômeno mundial e, em menor grau, como fenômeno localizado. Essa abordagem envolve: um constante questionamento sobre as relações entre a cultura e o imperialismo para a compreensão da política e da cultura na era da descolonização; o autoquestionamento do crítico, porque solapa as próprias estruturas do saber, ou seja, a teoria literária, a antropologia, a geografia eurocêntricas; engajamento do crítico, porque sua preocupação deve girar em torno da criação de um contexto favorável aos marginalizados e aos oprimidos para a recuperação da sua história, da sua voz, e para a abertura das discussões acadêmicas para todos; uma desconfiança sobre a possível institucionalização da disciplina e sua apropriação pela crítica ocidental, neutralizando a sua mensagem de resistência.

Percebe-se a partir das colocações do autor acima que a pós-colonização veio com o engajamento político de crítica ao colonialismo e as consequências que este deixou na contemporaneidade, que nos deixaram marcas bem presentes em nosso contexto, parece que o tempo passou, mas as ideias coloniais não. Daí a relevância de desconstrução do discurso colonialista. À vista disto, Bhabha (2012) afirma que é necessário a concretização do pós-colonialismo para revelar-se o conhecimento da descolonização.

A crítica pós-colonial é testemunha das forças desiguais e irregulares de representação cultural envolvidas na competição pela autoridade política e social dentro da ordem do mundo moderno. As perspectivas pós-coloniais emergem do testemunho colonial dos países do Terceiro Mundo e dos discursos das 'minorias' dentro das divisões geopolíticas de Leste e Oeste, Norte e Sul. Elas intervêm naqueles discursos ideológicos da modernidade que tentam dar uma 'normalidade' hegemônica ao desenvolvimento irregular e às histórias diferenciadas de nações, raças, comunidades, povos. Elas formulam suas revisões críticas em torno de questões de diferença cultural, autoridade social e discriminação política a fim de revelar os momentos antagonísticos e ambivalentes no interior das 'racionalizações' da modernidade. Para adaptar Jurgen Habermas ao nosso propósito, podemos também argumentar que o projeto pós-colonial, no nível teórico mais geral, procura explorar aquelas patologias sociais – 'perda de sentido, condições de anomia' – que já não simplesmente 'se aglutinam à volta do antagonismo



de classe, [mas sim] fragmentam-se em contingências históricas amplamente dispersas (BHABHA, 1998, p.239).

Conclui-se diante destas explanações que o pós-colonialismo é relevante no sentido de verificar as consequências deixadas pelo ato da colonização, o qual vem que não ficou apenas no passado, mas reflete até os dias de hoje. Esta ocorrência se faz presente às maneiras como se vê as culturas, os preconceitos existentes, a identidade abalada e outros fatores.

Acredita-se que por isso que os críticos pós-coloniais são narradores das suas próprias experiências, o que permite mais veracidade dos fatos de suas críticas. Já que eles marcam traços predominantes que a colonização impõe, tais como: dominação, a desumanização, a realocação, a perda de identidade, a diáspora, o preconceito racial, a tortura, a banalização da vida e outros aspectos que são condizentes com a insensatez do ser humano em desarmonia pode proporcionar.

Finaliza-se em demonstrar a relevância que os estudos pós-coloniais tem na contemporaneidade, já que como vimos anteriormente a independência dos Estados-nação não marcou o fim da colonização, mas sim uma resignificação deste processo, já que de acordo com Pezzodipane (2013, p. 94) a dominação das metrópoles hegemônicas “se atualiza em novos arranjos institucionais e em processos persistentes na manutenção dos benefícios que os países subalternos podem representar, na perspectiva de um neocolonialismo”.

1.2 Banda Mosaico de Ravena e a sua música

A Banda Mosaico de Ravena¹ surge na década de 1980, mais precisamente no ano de 1986, na cidade de Belém do Pará. Diante disto, no estado e no Brasil ela é considerada a primeira banda que possuía o estilo *Heavy Metal*, contribuindo, portanto, com o surgimento da identidade relacionada a produção musical local.

¹ Informações extraídas do site: <https://www.last.fm/pt/music/Mosaico+de+Ravena/+wiki>.



O vocalista da Banda remete que a primeira apresentação ocorre na Torre da Catedral da Sé e a partir daí a banda ganha seu estilo, onde torna-se também a pioneira na profissionalização por meio da Produtora de Artes de Mosaico de Ravena Ltda. Portanto, essa empresa possibilitou um suporte jurídico a mais para o engrandecimento da banda, já que se materializou em selo fonográfico, produtora de eventos e editora.

O primeiro trabalho da banda foi titulado “Cave Canem” em 1992, com 2.500 unidades produzidas. Assim, a banda alcançou um público inestimado com mais de 300 apresentações percorrendo mais de 30 municípios do Pará e outros estados das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país.

Porém em 1996, a banda deu um tempo de suas atividades, retornando apenas no ano de 2005 no intuito de celebrar 20 anos de “Belém-Pará-Brasil” no show do Memorial dos Povos. A partir daí outros trabalhos foram desenvolvidos e a banda continua a ser um sucesso na cidade.

Nesse período as letras das músicas e bem como as outras demonstrações artísticas culturais do cenário da identidade paraense, repercute a vontade de se expressar contra o “colonialismo interno praticado pela política, pela economia e pela indústria cultural brasileira. No cenário musical do Pará, esse processo tem uma dimensão nativista, como percebemos as colocações “Música Popular Paraense” ou “Música regional” para trazer à tona essa representatividade da cultural local (CASTRO; AMADOR, 2015). Como trabalho o texto de Celso Braga a questão da poesia e da música na Amazônia representa um “[...] mergulhar no tempo presente com uma atitude sociopolítica e cultural de fortalecimento da identidade do amazônida” (BRASIL, 2015).

Todo esse processo e bem antigo na busca por uma “identidade” amazônica, no qual aborda Castro que se situa na segunda metade do século XIX (CASTRO, 2004) e Oliveira denomina de uma “busca temática”:

A preocupação com a temática amazônica, a influência das origens folclóricas, logicamente podiam dar à música local uma significativa cara paraense. A vida do caboclo, o seu dia-a-dia de risos e problemas, o falar paraoara, a presença do rio, da mata, o misticismo tapuio, impunham um



sabor nativo aos gêneros escolhidos pelos autores (OLIVEIRA, 1999. p. 294).

A música “Belém –Pará-Brasil”, composta pela banda Mosaico de Ravena nos anos 80 e lançada no álbum “Cave Canen”, esta canção ganhou destaque no cenário local e popularizou-se de tal forma no território paraense que está viva e presente nos repertórios musicais até os dias atuais.

Esse aspecto de música atemporal pode ser entendido pela demonstração e colocações de símbolos, patrimônio, linguagem e os aspectos políticos e sociais apresentados na letra demonstra a oposição da comunidade com o elemento externo. Apresenta nuanças contraditórias e representação da oposição entre o local e o nacional, diante da visão nacional e estrangeira na região e de como representa os povos amazônicos e a falta de reconhecimento por esta região, também de modo implícito fazendo colocação sobre essa identidade paraense e amazônica.

2 Materiais e métodos

Este estudo baseia-se em uma pesquisa de cunho bibliográfica e explicativa. Sendo assim, o primeiro tipo de pesquisa é entendida como aquela “que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, livros, artigos, teses e etc.” (SEVERINO, 2007, p. 122). Ou seja, a pesquisa bibliográfica tem como foco analisar fontes que fundamentam qualquer estudo, onde ela é considerada o primeiro passo de qualquer pesquisador.

Portanto, segundo Andrade (2001, p.59) a pesquisa bibliográfica “pode ser elaborada como um trabalho em si mesma ou em uma etapa do desenvolvimento humano”.

Com relação ao segundo tipo de pesquisa utilizada no estudo, sendo a explicativa, Severino explica que ela é aquela que, “além de registrar e analisar os fenômenos estudados, busca identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos” (SEVERINO, 2007, p. 123).

2.1 Análise da Música Belém Pará Brasil da Banda Mosaico de Ravena

Conforme discorre Straw (1991; 2006) a cena musical é uma designação instável para abarcar o modo aberto das diversas dinâmicas de sentidos entre trocas econômicas e sociais no espaço cultural que tange a produção musical. Esta abordagem conceitual refere-se as considerações aos procedimentos endógenos no cenário social sem se trancar nele e, dessa forma abrindo possibilidades para trocas e negociações entre o local e o externo.

A canção, interpretada pela banda de Mosaico de Ravena e também tocada por outros interpretes e bandas na cidade de Belém, outros locais do estado e nos espaços nacionais. Marcando o cenário musical de Belém dos anos 80 e 90, mas que repercute até os dias atuais, proporcionando um sentimento de identidade e reconhecimento da cultura local.

Na primeira estrofe, percebemos a designação de espaços que representam aportes físicos que compõem a cidade de Belém, são pontos turísticos marcantes para a cultura paraense como “Ver-o-peso”, o “Palacete Pinho” e a “cidade velha”. Percebermos diante do aspecto de designação das diferenças culturais, demonstrando os estereótipos criados diante da cultura amazônica, geralmente inferiorizada diante da visão do “colonizador”.

Demonstrando através da música que modificações devem ser efetuadas em vista de trazer a imagem de “progresso e desenvolvimento” através das substituições dos símbolos culturais da cidade por outros símbolos, principalmente de cunho marcantes envoltos no sistema capitalista. Inferiorizando os aspectos culturais na perspectiva do sujeito externo a cultura paraense. Como aborda Pinsan e Nenevé (2016, p. 4):

A redução da cultura de um povo em detrimento da cultura de outro é também uma forma de dominação. A dominação cultural é, por vezes, tão forte a ponto de fazer com que o indivíduo e a sociedade da qual ele faz parte acredite que, de fato, a cultura do outro é melhor que a sua e quando isso ocorre há uma perda irreparável de identidade.



Na segunda estrofe, vemos novamente a visão externa ressaltar uma visão estereotipada em relação a Amazônia. Como explana Bhabha (1998) não há necessidade de uma comprovação de um estereótipo para este ser estabelecido, pois o colonizador em sua maioria vai produzir e reproduzir um discurso fixo para propagar e enraizar seus princípios diante do outro, pois sempre é considerada superior diante de outras formas de cultura.

Como que a vida de quem habita a região fosse pautada apenas pelo prisma de um lugar rico em fauna e flora e sem desenvolvimento urbano. Sendo um discurso propagado de que os habitantes existentes na região convivem com animais selvagens, como no relato da música aborda a expressão “Não queremos nossos jacarés tropeçando em vocês”. Onde os compositores fazem uma alusão a imagem de “selvagens” e um jeito crítico e irônico para enfatizar esse discurso infundado.

Vão destruir o Ver-o-Peso
Pra construir um Shopping Center
Vão derrubar o Palacete Pinho
Pra fazer um Condomínio
Coitada da Cidade Velha,
que foi vendida pra Hollywood,
pra se usada como albergue
no novo filme do Spielberg

Quem quiser venha ver
Mas só um de cada vez
Não queremos nossos jacarés tropeçando em vocês

Na terceira e quarta estrofes da música, ressaltam novamente a imagem do nortista com algo de ruim, no qual os autores fazem um jogo de palavras quando se refere a não associação de norte com morte, remetendo aos grandes projetos que vieram para a região e as formas de ocupação a Amazônia marcado por grandes confrontos e muitas mortes.

Levando ao local ser retratado em esfera nacional como ambiente com muitas mortes e que só serve para ter suas riquezas exploradas. Mais uma vez remetendo a mentalidade inventada sobre a região e enraizada no elemento externo. Também nos apresenta a visão dos seus habitantes, sempre relacionados apenas aos povos indígenas e, estes caracterizados como seres “selvagens e exóticos” e fazendo alusão a prática do canibalismo tão enigmática e presente na literatura de relatos de viagens.

Neste aspecto a música traz o índio como um ser que não representa mais esse aspecto de um traço cultural e o mesmo esta rendido aos elementos da cultura de outros povos. Como explica Bellei (2000, p. 5) “[...] a fronteira é o lugar de uma (des)valorização no qual o elemento subordinado não pode deixar de sentir ao mesmo tempo o desconforto da angústia da influência e o embaraço do inevitável desejo de copiar e imitar”.

A culpa é da mentalidade
Criada sobre a região
Por que é que tanta gente teme?
Norte não é com M
Nossos índios não comem ninguém
Agora é só Hambúrguer
Por que ninguém nos leva a sério ?
Só o nosso minério

Quem quiser venha ver



Mas só um de cada vez
Não queremos nossos jacarés tropeçando em vocês

Nas últimas estrofes, percebemos marcas nas músicas sempre para designar e delimitar as dimensões locais, nacionais e globais sobre a Amazônia. Trazendo esse jogo de símbolos de aspectos relacionados a localidade com os elementos marcantes de esfera global. Até mesmo uma forma de quebrar paradigmas e associação de que os símbolos e tudo que está vindo de fora da região tem mais valor e que é necessário ter o reconhecimento da Amazônia como condiz com sua realidade e sendo integrado com a nacionalidade, ou seja, o reconhecimento da música paraense também na esfera nacional. Isso está refletido quando é proferido “o nortista só queria fazer parte da Nação” e a parte que se refere ao nome da canção “Isso é Belém! Isso é Pará! Isso é Brasil!”.

Aqui a gente toma guaraná
Quando não tem Coca-Cola
Chega das coisas da terra
Que o que é bom vem lá de fora
Transformados até a alma
sem cultura e opinião
O nortista só queria fazer
parte da Nação

Ah! chega de malfeituas
Ah! chega de tristes rimas
Devolvam a nossa cultura!
Queremos o Norte lá em cima!
Por quê? Onde já se viu?
Isso é Belém!



Isso é Pará!

Isso é Brasil!

Conforme Castro e Amador (2015, p. 424):

Percebe-se uma “escala”, um estágio, uma “etapa” nacional marcante, como que delimitando o espaço entre as dimensões local e global do artista amazônida. É como se, antes de ter uma dimensão global, a música paraense precisasse ser reconhecida pelo Brasil nacional. Também se pode perceber que essa dimensão latente da música que quer ser nacional se vê refletida nos estereótipos da cultura nacional sobre a região. Esses estereótipos são marcados pelas imagens grotescas e icônicas do espaço amazônico na percepção dos brasileiros médios de outras regiões.

A canção pelo prisma de sua forma, é um poema composto de 6 estrofes, cujos versos estão estruturados em octossílabos e também em trissílabos, com rimas interpoladas, emparelhadas e livres. Na perspectiva de sua essência, a música retrata um povo e uma cultura que precisa do seu reconhecimento e valorização na esfera nacional e que não aceita ser representada por um simbolismo que não corresponde com a realidade local e que a mesma não seja vista apenas para “exploração” pelo viés dos interesses econômicos e sim como um lugar de extração e divulgação de riquezas culturais.

Considerações finais

A música representa um dos principais elementos artísticos da Humanidade. Usado como forma de demonstrar sentimentos, relatar fatos históricos (hinos), forma de leitura de mundo e, por isso uma das principais formas de expressão das percepções humanas diante de algo.

Na música desse estudo, notamos como os jogos de poderes e como todo o processo de formação da sociedade amazônica bem como a concepção da



sociedade brasileira, repercute as diretrizes que seu contexto histórico–social foi desenvolvido ao longo da sua história, sempre demonstrado a inferiorização da cultura local e nacional diante do externo, que desde de sua colonização até os dias atuais, encontram-se enraizados em seu seio cultural. Na valorização dos símbolos do imperialismo em detrimento dos símbolos identitários locais, como uma forma de supremacia implícita que repercute principalmente em regiões com menos poderio econômico e assistencialismo social.

A banda Mosaico de Ravena retrata a mentalidade criada diante da região amazônica, sempre vista como inferior e carregada de negativa servindo apenas como um espaço de exploração e em contraponto a isso, a música quer ressaltar que as riquezas da Amazônia não estão só nos “minérios”, mas também na sua produção cultural e isso precisa ser reconhecido no âmbito nacional.

Percebemos através desse tipo de produção o quanto ainda se tem enraizado em um seio cultural ecos impostos por um poderio diante da cultura do outro. O quando há ainda formações no imaginário sobre a Amazônia e a divulgação de um estereótipo que não corresponde com a realidade local. Nesse tipo de estudo podemos refletir o quanto somos influenciados a repercutir sobre uma determinado imaginário cultural e como de fato devemos nos aprofundar e conhecer todas as formações culturais e saber reconhecer os elementos culturais que correspondem de fato a uma localidade. Principalmente, ressaltar a cultura amazônica e as diversidades culturais existentes no Brasil e dizer “Isso é Brasil!”.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **Monstros, índios e canibais**: ensaios da crítica literária e cultural. Florianópolis: Insular, 2000.

BHABHA, Homi K. “A iminência das poéticas”. In: _____. **Entrevista concedida à 30ª Bienal de São Paulo**. 2012. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=ym2dPYqlvmA>>. Acesso em: 30 jul. 2017.



BHABHA, Homi K. "O pós-colonial e o pós-moderno. A questão da agência". In: _____. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOEHMER, Elleke. **Colonial and Postcolonial literature: migrants metaphors**. 2.d. London: Oxford University Press, 2005.

BONNICI, Thomas (Org.). Problemas de representação, consolidação, avanços, ambiguidades e resistência nos estudos pós-coloniais e nas literaturas pós-coloniais. In: _____. **Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais**. Maringá: Eduem, 2009. cap. 1, 21-65 p.

BRASIL. Ministério da Ciência, tecnologia, inovações e comunicações. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. **Poeta Celso Braga debate "Poesia e música na Amazônia" no grupo de estudos estratégicos amazônicos do INPA**. Brasília, DF, 2015. Disponível em:< <http://portal.inpa.gov.br/portal/index.php/ultimas-noticias/961-poeta-celdo-braga-debate-poesia-e-musica-na-amazonia-no-grupo-de-estudos-estrategicos-amazonicos-do-inpa>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

CASTRO, Fábio Fonseca de; AMADOR, Elielton Alves. Identidade, territorialidade e fantasmaticidade no rock de Belém. **Contemporânea, comunicação e cultura**, Salvador, v.13, n.2, p. 417-433, maio\ago. 2015. Disponível em:< <file:///C:/Users/Cristiane/Downloads/9912-46027-1-PB.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

LIMA, Andréia Mendonça dos Santos. **Tradução e pós-colonialismo: uma análise de Mad Maria de Márcio Souza e sua tradução para o inglês**. 115f. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2013.

LOOMBA, Ania. **Colonialism/Postcolonialism: the new critical idiom**. New York: Taylor & Francis e-Library, 2002.

MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translations Studies: theories and applications**. 2.ed. edition. New York: Taylor & Francis e-Library, 2009.

NENEVÉ, Miguel. Can a white Canadian write a Post-colonial text? **Revista Ilha do Desterro: A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**, Florianópolis, n. 31, 1994. Disponível em:<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/8652>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

NENEVÉ, Miguel. Uma visão geral sobre a teoria do pós-colonialismo e sua contribuição para os estudos em educação. **Revista Intertexto**, Porto velho, v.3, n.



3, jul. 2006. p.155-168. Disponível em:
<<http://www.revistaintertexto.com.br/adm/arquivos/ARTIGO%2009.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

PEZZODIPANE, Rosane Vieira. Pós-colonial: a ruptura com a história única. **Simbiótica**, Vitória, ES, v.ún., jun. 2013.

PISAN, Andréia de Fátima; NENEVÉ, Miguel. O idealismo anticolonialista de José Martí expresso em seus versos singelos. **Revista Igarapé**, Porto Velho, v1, n.2, p. 1-17, 2016.

SAWANT, Shrikant B. Postcolonial Theory: Meaning and Significance. **Revista: Proceedings of National Seminar on Postmodern Literary Theory and Literature**, Nanded - Índia, jan., p. 27-28, 2012. Disponível em: <<http://igcollege.org/files/pdf/3%20Post-Colonialism.pdf>>. Acesso em 26 jul. 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SHOHAT, Ella. Notes on the post-Colonial. **Social text**, n. 31/32, Duke University Press, 1992.